

A matéria fora de lugar

Lixo, disse Samuel Johnson, famoso escritor e dicionarista inglês do século dezoto, é matéria fora de lugar. Uma definição tão simples quanto genial. Uma folha de papel em nossa mesa é um convite ao texto; uma folha de papel, amassada e jogada na rua, é lixo. Trata-se do mesmo papel – só que mudou de lugar. Será que a questão do lixo é, pois, apenas uma questão de como ver as coisas? Será que limpeza é uma forma de obsessão?

Até poderia ser: a mania de ordem e de limpeza não é uma coisa rara. Infelizmente, porém, o lixo existe. E é um problema. Por algumas razões. Em primeiro lugar porque a nossa sociedade produz muito lixo. Melhor dizendo, certos setores da sociedade. Aquelas camadas, ou regiões, ou países, que vivem em abundância. Assim, a produção diária de lixo doméstico, na Europa Ocidental, é de aproximadamente 800 gramas per capita; a produção de lixo industrial é o dobro disso. E o pior é que muitos de seus componentes não são degradáveis: o plástico, por exemplo, pode chegar a 10% do lixo.

A segunda razão pela qual o lixo é um problema é que ele mexe com a ecologia. E cada vez que se mexe com a ecologia há possibilidade de doença. Por exemplo, o ser humano interfere em nichos ecológicos de microorganismos que depois vão infectá-lo, como aconteceu com o HIV. Os seres vivos não proliferam ou causam en-

fermidade porque são malvados; estão apenas adaptando-se a novas condições. Se os ratos recebem, graças ao lixo, um habitat que lhes proporciona abrigo e nutrição, vão proliferar, da mesma forma que a alta da Bolsa atrai os especuladores. Se os ratos crescem em número, crescem também as pulgas que albergam – e cresce a possibilidade de transmissão da peste. No começo deste século Oswaldo Cruz resolveu enfrentar a epidemia de peste no Rio de Janeiro pelo método que julgou mais simples: para estimular a população a combater o rato, anunciou que compraria roedores mortos a 300 réis cada. Imediatamente surgiram pessoas que criavam ratos para vender ao governo. O lixo continuou se acumulando.

A questão do lixo é uma questão de espaço público que, no Brasil, sempre foi selvagem. Na Europa os regimes econômicos são de iniciativa privada; mas há um sentido de comunidade, de preservar o que pertence a todos. A cultura pre-

datória implantada em nosso país desde a época da colônia impediu o desenvolvimento de um sentido de comunidade. Nas ruas, o número de cestos para lixo é reduzido. Mas mesmo quando estão presentes é fácil observar detritos jogados no chão a apenas alguns centímetros de tais cestos.

Para reverter esta situação fala-se muito em educação. É certo que, em saúde, a educação é fundamental – desde que não se revista de um enfoque moralista. Afinal,

Uma folha de
papel em nossa
mesa é um
convite ao texto;
uma folha de
papel, amassada e
jogada na rua,
é lixo.

como disse Johnson, a sujeira é apenas matéria fora do lugar. Desde que haja lugar para a dignidade, para a cidadania e para

os direitos das pessoas, o lixo encontrará o seu caminho, como encontrou nas cidades civilizadas deste nosso mundo.

Moacyr Scliar é médico de saúde pública, escritor e professor do Departamento de Medicina Preventiva da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.